

A PEDAGOGIA FREINET NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM: UM PEQUENO PASSEIO PELA LUTA DE CÉLESTIN PELA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA E SUAS FERRAMENTAS ATEMPORAIS

Profª Elinara Necker Rufino

Pedagoga formada pela Unifacp (neckerelinara@gmail.com).
Professora da Escola Curumim. Artigo escrito sob orientação da profa.
Dra. Meire Terezinha Müller Palomar.

RESUMO

Este artigo conta brevemente como foi a trajetória de Célestin Freinet como educador, como surgiram as ferramentas da Pedagogia Freinet e como qualquer educador pode optar por uma prática humana baseada nos princípios da livre expressão e cooperação que norteiam a pedagogia Freinet.

Palavras-chave – Pedagogia Freinet; Pedagogia Moderna; Celéstin Freinet

SUMÁRIO

1 – Introdução; 2 - Freinet na construção da aprendizagem; 3 – As ferramentas Pedagógicas propostas por Freinet; 4 – Considerações Finais; Referências Bibliográficas.

1 - INTRODUÇÃO

Cá estou, outra mulher, revisitando minhas escritas e atualmente, as colocando em prática na minha vivência diária como educadora. Anos atrás queria me tornar uma professora Freinet, eis que esse dia chegou.

Escrever sobre Freinet é como escrever sobre esperança, sobre transformar e com muita audácia um sentimento de mudar o mundo. Falar sobre uma educação transformadora é como falar em paz mundial: como seria o mundo se a educação emancipasse as pessoas, fazendo-as pensar, refletir, sensibilizar-se, acolher, respeitar, confiar na ciência? Que mundo seria esse se

a educação tivesse a oportunidade de transformar as pessoas e não, na verdade, servir o capitalismo e os moldes industriais?

Lá atrás, ainda estudante do curso de Pedagogia da Unifacp eu não queria apenas ensinar a norma culta da nossa tão complexa Língua Portuguesa, tão pouco ensinar a decorar a raiz quadrada de 25, queria mais do que isso. Queria crianças pensantes, criticando o mundo em que vivem, questionando as regras injustas, parando para observar o pouso de uma borboleta, fazê-las imaginar quantos passos elas teriam que dar até a Lua, porque só assim elas poderiam transformar o mundo.

Com essa vontade de transgredir busquei em meus estudos tendências pedagógicas que condizem com o que eu buscava como educadora e as tendências progressistas sempre me chamaram atenção, sempre me inspirei em Paulo Freire que muitas vezes é comparado a Freinet, pois há muita semelhança no modo de enxergar a educação e muito em comum o que os dois viveram dentro da militância como educadores. Identifico-me com a tendência Histórico-crítica que tem como referência Demerval Saviani, porém, decidi praticar a Pedagogia Freinet ao ouvir falar sobre a Escola Curumim¹, que me chamou muito a atenção e despertou minha curiosidade; depois de um tempo fiz um minicurso lá e tive a certeza que era no educador Célestin que eu iria guiar meus estudos.

Neste artigo, pretendemos levar o leitor a um pequeno passeio pela história de Célestin Freinet para que se sinta provocado e queira desbravar a imensidão que é a Pedagogia criada por ele

O artigo apresenta ainda a história de um educador progressista libertário que, num pequeno vilarejo, difundiu mundo afora uma pedagogia do sucesso, do bom senso, da cidadania, da livre expressão e principalmente do rompimento da escola tradicional. Abordaremos também o maior tesouro que ele poderia ter deixado para a educação: suas ferramentas pedagógicas.

¹ Escola Curumim - R. Santa Maria Rossello, 118 - Mansões Santo Antônio, Campinas - SP, 13087-503

2 - FREINET NA CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM

Um homem do interior da França que estudou na escola normal de Nice, alistou-se na Primeira Guerra Mundial comprometendo seus pulmões por conta dos gases tóxicos, resolveu transgredir e se tornar professor. Célestin Freinet² deixaria para trás a solidão para se tornar professor primário, sendo que iniciou seu trabalho no magistério com uma sala pobre e degradante, com fileiras convencionais num pequeno vilarejo em Bar-sur-Loup. Apesar da falta do estudo, que não havia sido concluído por conta da guerra, ele carregava em si o princípio mais profundo que é o respeito pela criança. Os estudos surgiam a partir do cotidiano vivenciado com as crianças, tentativas bem sucedidas e fracassos, anotações e muito esforço. Até que prestou o exame que o habilitou como professor. Crítico à escola tradicional, criou o movimento da escola moderna, na França, que mantinha como foco uma escola para o povo.

Célestin desenvolveu com delicadeza um espaço de cooperação mútua, trazendo a pluralidade, a inclusão e o diferente como algo que não é incomum. Numa escola freinetiana é normal ser diferente, a livre expressão é fundamento básico. Num vilarejo pobre Freinet descobriu as suas técnicas baseadas no trabalho e na cooperação, numa vida simples com crianças desprovidas de recursos nasceu a Pedagogia Freinet. Nossas escolas estão estagnadas, passivas e isoladas de uma prática de cidadania, pois cidadania é viver na cidade, e as escolas estão cada vez mais trancafiadas, conteudistas e hierárquicas carregando o pensamento saudosista no qual só o professor tem a ensinar e não a aprender também. Sem trocas de respeito e aprendizado. As escolas não estão formando cidadãos críticos e participativos; pessoas passivas e oprimidas ocupam as escolas. É preciso reaprender a ensinar sem se esquecer que esta é uma via de mão dupla. A livre expressão que permeia esta pedagogia sensivelmente toca o aluno, ele vê a escola como acolhedora de suas ideias,

² Célestin Freinet, nascido no dia 15 de outubro de 1896, morreu aos 66 anos no dia 8 de outubro de 1966. Optamos por salientar na biografia, dados relevantes ao trabalho pedagógico de Freinet e não dados biográficos de sua vida pessoal.

encontra na liberdade sua voz e criando pode evoluir não só na escrita, mas em toda sua vida. A democracia se consolida a partir de uma vivência coletiva.

Freinet pode observar o descontentamento de seus alunos presos em uma sala de aula, enfileirados e angustiados com o olhar preso ao horizonte que difundia na janela e, naqueles instantes em que observava, houve a reflexão de que algo precisava ser feito, pois os interesses daquelas crianças transpassavam aquelas paredes frias; ele então compreendeu que a vida da sala dele estava do lado de fora, em meio à natureza, nos detalhes de uma abelha voando ou num botão de rosa se abrindo, não somente dentro da sala de aula. Freinet percebeu que essa era também uma sala de aula a céu aberto, então era como se tudo criasse vida e brilhasse.

Em uma pequena sala de aula foi surgindo essa imensidão no que se transformou a Pedagogia Freinet, surgiu de uma necessidade de transformar o aprendizado das crianças, de significar a jornada escolar que se estenderia por toda vida. “Lancei a semente. Colaborei em seu desabrochar para demonstrar que a necessidade de criação e expressão é uma das ideias-mestras sobre as quais se pode construir uma incomparável renovação pedagógica.” (FREINET, 1964, prólogo)

O professor que ele estava se tornando não se separava das crianças, todos conversavam num tom familiar, despreendendo-se da hierarquia tradicional de uma sala de aula, a voz era direito de todos.

Na escola tradicional, como não estava associada aos acontecimentos cotidianos que faziam parte da vida deles, logo as crianças sentiam-se desinteressadas, era preciso trazer significado para eles. Significado real. À medida que o tempo ia passando, Freinet queria revolucionar mais, não estava contente e queria mudar; para ele, a escola tradicional não tinha mais espaço e junto com seus alunos, amigos professores e sua companheira foi criando a pedagogia Freinet.

Um homem que não estava preocupado em criar algo simplesmente, ele se desafiou criando o movimento da escola Moderna; seus alunos eram de espaços periféricos e muito pobres e, além de desconstruir a escola tradicional e construir a escola moderna, queria principalmente que as crianças fossem

sujeitos ativos para com a vida e seu papel de cidadão. Ele acreditava que todos deviam ter uma educação de qualidade.

À criança, sobretudo, era preciso dar o direito de viver plenamente como criança, sob todos os aspectos. Era necessário respeitá-la para que pudesse desenvolver suas capacidades e sua personalidade, sem afastar-se de uma finalidade social e humana mais ampla. Freinet era acima de tudo um humanista. (SAMPAIO, 1989, p. 45)

Como podemos observar, Freinet pensava em seus alunos como sujeitos, não descartava - muito pelo contrário - a função social da escola, mas ele entendia que era preciso respeitar o processo de cada criança. Mesmo que a sala de aula fosse um coletivo, para ele era preciso olhar cada criança individualmente.

3 - AS FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS PROPOSTAS POR FREINET

As ferramentas da Pedagogia Freinet foram construídas a partir das necessidades que surgiam dentro da sala de aula. Além de acolhedora e perseverante, nunca deixando um professor só, também são deixados instrumentos para uma práxis freinetiana, instrumentos esses que fortalecem os elos dentro de uma sala de aula e constroem de maneira democrática e cooperativa o aprendizado. Entender e aprofundar-se nos encantos da pedagogia Freinet nos faz mergulhar em novos horizontes, pois mesmo que tenha sido pensada no início do século XX é ainda assim inovadora.

Suas crianças é que construíam uma verdadeira escola ativa e, sobretudo, feliz. Participavam de atividades que eram uma continuação natural da vida, da família, da aldeia e do próprio meio. Mantinham grande entusiasmo nas suas ações e, como toda criança, eram barulhentas.” (SAMPAIO, 1989, p. 57)

As ferramentas foram surgindo pouco a pouco à medida que as necessidades das crianças eram sensivelmente reconhecidas por Freinet, a primeira delas partiu da necessidade das crianças explorarem o mundo fora da sala de aula. “Se o interesse das crianças estava lá fora, por que ficar dentro de classe, lendo trechos de manuais com frases de assuntos desinteressantes para

elas? Decidiu então levar os alunos onde eles se sentiam felizes: lá fora.” (SAMPAIO, 1989, P. 15).

A primeira delas é a “aula passeio”, que se constitui em uma das ferramentas mais ricas porque desafia as crianças a serem observadoras, pesquisadoras e exploradoras, enriquecendo não só a formação intelectual dentro da prática escolar como também seu desenvolvimento pessoal e humano.

A aula passeio não é apenas um simples passeio sem fins pedagógicos, é muito mais amplo que isso; é através da aula passeio que a criança estuda, reflete e se aprofunda no seu meio, seja nas relações com outros lugares urbanos, passeios curtos dentro da escola, seja explorando a natureza e sua fauna e flora ou também observando o comportamento humano. Esse momento que a criança tem fora da sala é uma janela que se abre no horizonte, em que as crianças vão experimentar e refletir sobre o mundo, num momento rico e único. Mesmo uma aula passeio dentro da própria escola não será a mesma experiência, pois não terá a mesma finalidade. As possibilidades fora da sala de aula são infinitas.

A “imprensa escolar” surgiu da necessidade de dar voz e espaço de destaque para as produções dos alunos, com sensibilidade e um olhar muito atento.

Na imprensa escolar, através da livre expressão foram surgindo escritas lindas dos alunos, e Freinet viu naquilo algo com tanto valor que entendeu que essas obras das crianças não poderiam ficar guardadas num caderno, onde ninguém mais iria ler, era como se a história se apagasse. Ele entendeu que aquilo era para ser acesso de todos, que mereciam expor suas ideias e escritas brilhantes, porque cada escrito tem seu valor e merece sucesso. “A ideia veio bruscamente: por que não imprimir aqueles textos para que pudessem ser passados de mão em mão, lidos e relidos por outra pessoa?” (SAMPAIO, 1989, p. 21).

A imprensa é um meio de valorizar a escrita da criança. O texto de uma criança numa impressão tipográfica carrega a mesma importância que o texto de um adulto, sendo que essa prática permite que a criança desenvolva um senso crítico ao ler os textos impressos. Participando do processo, além de ajudar a

desenvolver sua escrita “ela favorece as aprendizagens do espaço, dos sinais gráficos, da escrita, da leitura, das obrigações socializantes (ortografia e luta contra a disortografia, legibilidade)” (JOFFILLY, 1979, p. 18).

A imprensa escolar também tem o papel de trocar informações, sejam elas dentro da escola ou fora, serve para divulgar não só os trabalhos das crianças, mas também para comunicar-se com elas.

Se o professor continua a decidir tudo na sala de aula, se a disciplina permanece autoritária ou paternalista, não há necessidade de uma cooperativa. MAS, se nos esforçarmos por começar pelos interesses das crianças e, ainda mais, se as atividades realizadas supõem e necessitam da organização em comum entre os alunos, com a ajuda do professor, aí então a cooperativa se torna uma necessidade. (JOFFILLY, 1979, p. 15)

A autonomia e a identidade são estimuladas o tempo todo na rotina da escola, sendo que a ferramenta “plano de trabalho” é um meio utilizado para eles se planejarem com seus trabalhos e também como modo de registro de sua autoavaliação. O “plano de trabalho” é preenchido e organizado pelo próprio aluno. O professor reserva um espaço da aula destinado para esse fim, os alunos constroem sua rotina de acordo com o que eles pretendem trabalhar naquele período e quando necessário o professor direciona o aluno a determinados ateliês que ele estiver com mais necessidade de trabalhar. Essa ferramenta tem como finalidade levá-los a responsabilidade e organização de seus estudos, para que eles - desde sempre - tenham compromisso com sua vida acadêmica. Os conteúdos trabalhados em sala são construídos junto com os alunos. Há, na sala, um “fichário escolar cooperativo” que tem como papel agrupar fichas com propostas de atividades e diversas maneiras de realizá-las. A proposta é que as fichas contenham conteúdos a respeito da realidade das crianças. O fichário escolar toma o lugar dos livros didáticos e apostilas. Os fichários cooperativos podem servir como material de estudos para outras turmas e podem também ser inseridos na biblioteca como material de pesquisas. Como cada turma constrói seus conteúdos, sempre serão distintas as seleções de fichas de uma turma para outra, por isso é tão importante arquivá-las.

Registrar o trabalho em sala é muito importante e, para isso, o “livro da vida” documenta todos os acontecimentos da sala, como um diário. Os alunos

preenchem-no diariamente com informações importantes obtidas no dia-a-dia da sala. O registro é muito importante, pois mostra o processo de evolução da turma, o andamento do projeto e curiosidades, notícias, desenhos, fotos e recortes que a turma vai compondo diariamente. Além de documentar os trabalhos, o “livro da vida” documenta também comentários e sugestões que o grupo vai criando à medida que o trabalho deles vai sendo desenvolvido. O livro da vida é parte fundamental, pois é o documento de registro da turma como um todo, sendo que através dele a coletividade e a vivência das crianças vão tomando forma e rumo e - à medida que isso vai acontecendo - todos de fora saberão em que etapa a turma está, em qual processo se encontra e eles mesmos têm acesso ao que já foi trabalhado, quais decisões tomaram, como resolveram seus conflitos e o que eles pretendem trabalhar no futuro. Podemos dizer que o “livro da vida” é o diário coletivo da sala.

O “Jornal de parede” é um momento de assembleia, uma reunião geral normalmente realizada ao fim de cada semana. Um momento em que a democracia e a voz ecoam na sala de aula, em que cada aluno tem direito de expressar seus anseios, felicidades, frustrações e vontades, algo muito importante e que ajuda no processo de evolução da sala principalmente voltada às relações interpessoais. Na sala há um espaço reservado para o jornal de parede, com as seguintes provocações: “eu proponho”, “eu critico”, “eu felicito” e “eu quero saber”. As crianças anexam bilhetes depois que escrevem e colocam no assunto que eles desejam abordar no dia da assembleia. No momento da assembleia todos formam uma roda para que todos fiquem sentados iguais, uma vez que a roda remete à igualdade e escuta; os bilhetes são então separados por assunto, decidem quem vai ler os bilhetes e quem vai organizar a discussão e outra pessoa anota as inscrições para a fala. Bilhete por bilhete é lido e para cada bilhete existe respeito e importância muito grande; por isso cada um dos bilhetes é lido e discutido: as propostas, críticas, felicitações e curiosidades são pautadas e dali nasce a resolução dos conflitos, problemas solucionados, propostas discutidas e avaliadas pelo grupo, as felicitações muito bem expostas como quando alguém quer agradecer a ajuda e colaboração de algum amigo e, principalmente quando eles desejam descobrir algo novo, do “quero saber” nascem pesquisas, estudos e projetos. “É o que pretende a nossa pedagogia,

passando ao máximo a palavra à criança, proporcionando-lhe, individual e cooperativamente, uma iniciativa máxima no âmbito da comunidade, esforçando-se mais em prepará-la que em dirigi-la” (SAMPAIO, 1989, p. 83)

O momento que eles usam para se resolverem ou levantarem discussões do seu cotidiano fazem deles ouvintes, pacientes e politizados. Pensar no outro, ouvir o outro e se organizar para resolver seus problemas juntos não é para qualquer cidadão, sendo que o resultado futuro pode impactar muitas coisas.

Já o “Ateliê” é simplesmente a forma como acontece o trabalho, aprendizagem e conteúdo. Os momentos de estudo são divididos pelos ateliês, cada ateliê sendo um campo de trabalho. Os ateliês são os momentos em que os alunos trabalham dentro do plano de trabalho que a própria criança construiu, sendo exemplos de ateliês: texto livre, artes, leitura, língua portuguesa, cálculo, pintura, etc. É muito importante entender que o ateliê é uma forma de organizar o trabalho. Ao se planejar, o aluno consulta em seu plano de trabalho o que será trabalhado em determinado momento e o ateliê no qual ele escolheu trabalhar estará disposto com as ferramentas necessárias para concluí-lo. Os ateliês são previamente pensados pelo educador junto dos educandos, nos momentos do “plano de trabalho” quando a turma toda se organiza e escolhe o que e quando será trabalhado. O professor não impõe, a liberdade que eles têm de escolher cada ateliê fortalece o interesse e a dedicação; entretanto, o professor pode nortear os alunos para se adequar ao currículo.

O conteúdo é muito importante dentro de uma sala de aula Freinetiana, mas, nesse modelo, o que importa é *como* as crianças irão aprender o currículo obrigatório. O educador precisa compreender que o currículo não impede os alunos de caminhar em outras áreas do conhecimento, aprender coisas além do que é sugerido pela Base Nacional Comum Curricular. Os alunos não estão sós, pois eles são amparados pelo professor.

Para promover uma educação funcional - a única que pode responder à necessidade de crescer da Criança- é preciso que a ajuda da professora seja sempre discreta e vigilante. Ser a presença que acolhe, o árbitro do que escolhe, a mão que ajuda a subir, o espírito que guia a criança no incessante esforço que vai do percebido ao imaginado, do imaginado ao real, que a leva, respeitando o seu ritmo de aquisição, ao conhecimento das coisas pelo que vivem incessante na análise à síntese, da síntese a análise. Ser também aquela que sabe criar um meio rico e valorizador onde cada criança poderá medir suas forças.

Primeiramente sua força física pela instalação de pátios de brinquedos e de jogos, pela organização de momentos de rítmica, de ginástica natural, de rodas, danças, mímicas, jogos dramáticos. Sua força criativa: toda atividade manual de nossos pequenos (expressão gráfica, pictórica, plástica, criação de objetos, de tapeçarias, de vitrais, etc.) é um fator poderoso de formação. (PORQUET, 1964, p. 46)

O papel do professor durante os ateliês é aquele que media e acolhe, que não intervém com respostas prontas, mas o que instiga a criança a investigar mais sobre suas perguntas. O professor incentiva as crianças a moverem o pensamento, promovendo um espaço rico de cooperação, livre expressão e escuta. As crianças se dividem em ateliês que têm o mesmo assunto e proposta para que uma aprenda com a outra, para que ali naquele momento o coletivo construa conhecimento e aprendizagens.

A “correspondência interescolar” é uma ferramenta muito poderosa, pois vai muito além de trabalhar a escrita. Através da correspondência as crianças podem ter trocas muito preciosas com outras crianças, viver uma cultura ou pensamentos diferentes, refletir sobre a sua própria cultura e pensamentos.

A “correspondência interescolar” trabalha a afetividade e a consciência além de criar autonomia para se relacionar com o outro, se situar na sociedade, levando a refletir sobre a coletividade e assim evoluindo nos aspectos de cidadania e humanidade.

A turma pode se corresponder com outra turma da mesma escola, de outra escola, com alguma pessoa que fez parte da vida delas, enfim é preciso criar afinidade, despertando o interesse.

Nesse clima foi crescendo o laço emotivo essencial para que a criança se sentisse verdadeiramente presente e atuante em seu mundo, pois, ao escrever, ela sabia que seu texto chegaria a alguém que logo o leria e, com a mesma emoção, mandaria resposta. O aprendizado da linguagem escrita era feito de forma apaixonante e extremamente rica. A vida falava mais alto.” (SAMPAIO, 1989, p. 27)

A turma pode enviar diversas escritas como: cartas coletivas ou individuais, desenhos, textos, recortes, fotografias, presentes, livros, vídeos, o que surgir dentro da característica de cada turma e também da faixa etária das crianças. Importante mesmo é se corresponder e criar um laço e, se possível no futuro, as turmas se encontrarem num sarau, apresentação, encontro, ateliês.

É preciso muita organização dos educadores, de preferência que eles já se conheçam para que consigam trocar informações e irem mediando juntos. É importante que os professores também se correspondam, troquem ideias, informações e até mesmo frustrações, dividam o seu trabalho com o outro para que nunca se sintam sós, o apoio que um deve demonstrar ao outro é um ato forte para manter acesa a chama da esperança e do trabalho. A correspondência, seja ela entre as crianças ou entre os educadores, faz viver a realidade do outro, viajar na possibilidade de outra realidade e nos mantém numa relação privilegiada de afetividade e acolhimento. Enquanto nos correspondermos, nunca estaremos sós.

Ao falar do “texto livre” é importante citar o método natural de Freinet para a aprendizagem de leitura e escrita, defendida por ele. O método natural de escrita não coloca “o carro na frente dos bois”, a criança antes de entender complexas regras gramaticais da norma culta da Língua Portuguesa, aprenderá a comunicar-se através da escrita, arriscar hipóteses, escrever exatamente como o som que sai de sua boca, porque afinal se pararmos para refletir quando a criança escreve uma palavra com “z” quando deveria ser “s” na verdade a palavra tem som de “z”, como na palavra “Brasil”. Podemos dizer mesmo que ela escreveu errado ou que ela associou a oralidade à escrita? À medida que a criança vai evoluindo, vai aumentando o grau de dificuldade e o mediador partirá para uma complexidade maior da escrita. Entretanto, o texto livre não é uma ferramenta de trabalho voltada para técnicas de linguagens para que eles trabalhem a gramática, ortografia e tudo mais, mas é a oportunidade da criança dominar o próprio pensamento, levando em consideração os códigos da escrita; é uma ferramenta voltada para a vida, respeitando sempre as possibilidades da criança e auxiliando para que desabroche e contemple o universo da escrita na sua mais pura essência que é expressar-se, colocar seu pensamento para fora.

A espontaneidade na expressão escrita, proposta pelo Método Natural, pode parecer à escola tradicional um perigo na fixação de erros gramaticais e ortográficos que poderão perdurar por toda a escolaridade. Freinet argumenta que este ‘marcar passo’, sem empenho da criança seu aperfeiçoamento, é ‘um fenômeno especificamente escolar’ e que não se nota na vida, onde o desejo de progredir, melhorar, aperfeiçoar, é notório. A criança, ao aprender a engatinhar, logo está a tentar os primeiros passos e, assim que os consegue, já está a saltar, trepar e correr. A criança, ao dar os

primeiros balbucios, logo está a pronunciar as primeiras palavras, para em seguida tentar as primeiras frases. Esta motivação 'natural de aumentar o poder vital' é encontrada na vida, onde a criança a demonstra através de tentativas experimentais. Cabe pois à escola, de encontro com a vida, aproveitar esse desejo infantil de subir, incessantemente e de aperfeiçoar experimentalmente as suas técnicas para as tornar mais eficientes. Uma 'pedagogia viva e motivada' não levará a criança à fixação de formas de expressão ou de ortografias erradas em relação às normas do meio. (SHIMIZU, 1984, p.40)

Expressar-se livremente é um ato de coragem, abrir a mente, poder pensar em qualquer coisa, sentir-se livre, ter voz, é libertador. Se desde pequenos nós desprendermos nossas mentes e pensarmos livremente, estaremos livres do vazio que é viver sem reflexão, sensibilidade e observação. Pensar é construtivo, se expressar é maravilhoso. É muito importante a expressão; nossos gestos e nossas ações partem do que expomos do nosso eu, a livre expressão passeia pela nossa mente, toma o vazio e cria uma gama de possibilidades que florescem a cada pensamento sendo que a escrita propicia uma forma de expressão. Expressar-se livremente e ter alguém pra ouvir é mágico, conseguir se expressar e ser amparado é encorajador. Ser valorizado é poder falar e alguém ouvir; valorizar é ouvir quando alguém falar. Pedagogia Freinet nos mostra como o sucesso pode encorajar os processos de ensino aprendizagem.

Esse 'livre curso à espontaneidade da criança', a que Freinet se refere, é permitir que a criança se expresse da forma mais genuína possível, tendo a palavra e o direito à expressão, o que, muitas vezes, não acontece, pois ela é silenciada pelas práticas escolares nas quais cabe apenas reproduzir as lições do professor. (BUSCARIOLO, 2015, p. 50)

E como poderíamos colocar para fora nossos pensamentos, dividi-los e colocá-los em discussão se não com o texto livre? Um simples caderninho dado a um aluno dentro de uma sala de aula, no qual ele pode escrever o que quiser, é torná-lo escritor e autor das suas próprias ideias.

Todas as ferramentas apresentadas acima são instrumentos de trabalho da pedagogia Freinet, em cada ferramenta existe uma finalidade, isso faz sonhar com os pés no chão.

Há propriedade nas técnicas; é preciso que um educador que se interesse por seguir este caminho esteja em constante estudo, que sempre se autoavaleie para refletir sobre o que precisa ser mudado. É preciso estar sempre em contato com outros educadores, não se sentir só ou desamparado. As ferramentas de nada servem se não mudarmos nossa postura, não refletirmos sobre nossa posição enquanto educador e principalmente se não nos desprendermos da escolástica: o tradicional precisa ser abolido de nossa docência sendo necessário mudar todas as nossas ações para que possamos ensinar o que vivemos, porque nossa prática e nossos conceitos precisam condizer com nossas atitudes.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de entender um pouco mais sobre Célestin Freinet como educador e abordar suas tantas ferramentas ainda dentro dos aspectos teóricos, as considerações finais deste artigo só poderiam terminar desvendando esse estigma de que teorias não podem ocupar o espaço da prática. Celestin, assim como muitos outros educadores, seguiram esse caminho na educação. Atualmente tantos outros mundo afora têm como filosofia a Pedagogia Freinet, o que nos leva a ter esperanças que essas práticas que permeiam a sala de aula cresçam cada vez mais. É importante saber que é possível ter uma prática dentro da sala de aula que não é autoritária, punidora, conteudista. É preciso mostrar outros caminhos para que os educadores cada vez mais saiam das sombras da escola tradicional.

Trabalhando dentro de uma escola exclusivamente Freinet pude ter muitas experiências, privilégios e acolhimento. Mas, para além disso, pude entender que é possível viver numa sala de aula como o próprio Freinet viveu, já que essas ferramentas todas fazem parte da minha vida como professora.

Ao escrever esse artigo não vi inverdades, vi a minha sala de aula, a minha vivência, as minhas experiências, minha história e a história de muitos outros companheiros professores que lutam comigo dentro da educação. Freinet criou uma sala de aula para a vida na França no início do século XX, mas sua

visão do aluno como sujeito é atemporal e hoje posso, junto de muitos outros educadores do mundo, colocar em prática essas ferramentas dentro da minha sala de aula.

Freinet sempre defendeu que professores precisam dialogar e amparar-se, pois a profissão nem sempre é motivadora, levando em conta os desafios que nos cercam. Por isso existem alguns movimentos internacionais nos quais educadores freinetianos do mundo todo dialogam, trocam, sonham e se amparam. O movimento REPEF (Rede de Educadores e Pesquisadores da Educação Freinet) grupo de educadores e pesquisadora Freinet é um movimento que troca experiências, estudos e trabalhos dentro de salas de aulas diversas e em realidades diversas. Existe também a FIMEM (Federação Internacional dos Movimentos da Escola Moderna) que coordena diversos movimentos que praticam, estudam e pesquisam Freinet.

Freinet acreditava que a inteligência, a acuidade científica, o pendor artístico etc. não deviam ser cultivados apenas através das ideias, como era feito no ensino tradicional, mas também pela criação livre, pelo trabalho com as mãos e pela pesquisa experimental. (SAMPAIO, 1989, p. 27).

Ter uma rede de apoio é fundamental para o professor criar seu processo como educador experimentando, criando e se desenvolvendo. As trocas precisam acontecer para as ideias evoluírem. A cooperação é importante não só como um ensinamento aos alunos, mas também junto dos outros colegas professores.

Finalmente, concluo este artigo com a esperança de mais educadores experimentarem uma sala de aula democrática que prepara o aluno não só para os grandes vestibulares, mas principalmente prepará-lo para a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUSCARIOLO, Ana Flavia Valente Teixeira. **Texto Livre Como Instrumento Pedagógico Na Alfabetização De Crianças: Contribuições De Freinet E Vigotski Na Prática Em Sala De Aula**. Dissertação- Campinas: Unicamp, 2015.

FREINET, Célestin. **As técnicas Freinet da Escola Moderna**. Estampa, 1996.

JOFFILLY, Ruth. **Pedagogia Freinet - Uma Abordagem Inicial**. ICEM, 1979.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. **Freinet - Evolução História e Atualidades**. São Paulo: Scipione, 1989.

SHIMIZU, Deise Maria Alonso. **O Método Natural De Freinet: Pedagogia Alternativa Para Alfabetização**. Dissertação- Campinas: Unicamp, 1984.